

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

HÉLDER COELHO BARRETO

A AMOROSIDADE NA PRÁTICA EDUCATIVA:
Uma perspectiva freireana para o ensino de filosofia como ato de libertação

Recife
2022

HÉLDER COELHO BARRETO

A AMOROSIDADE NA PRÁTICA EDUCATIVA:
Uma perspectiva freireana para o ensino de filosofia como ato de libertação

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Ciências Humanas / Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Barreto, Hélder Coelho.

A amorosidade na prática educativa: Uma perspectiva freireana para o ensino de filosofia como ato de libertação / Hélder Coelho Barreto. - Recife, 2022.

20

Orientador(a): Érico Andrade Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia - Licenciatura, 2022.

1. Paulo Freire. 2. amorosidade. 3. Educação libertadora. 4. ensino de filosofia. 5. emancipação. I. Oliveira, Érico Andrade. (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, por acreditarem nos meus estudos e me apoiarem na decisão de, aos 33 anos, mudar de profissão e dar um novo rumo à minha vida. Por terem me dado todo suporte necessário, para que eu pudesse me dedicar, exclusivamente, aos estudos, durante todos os períodos do curso.

Agradeço a minha companheira Adriana, pela parceria infalível em todos os momentos, pelo carinho e dedicação amorosa, pelo apoio na decisão de me dedicar a algo que me trouxesse realização e por todas as vezes que falou “você vai conseguir”.

Agradeço ao meu orientador Professor Doutor Érico Andrade Marques de Oliveira, pela disponibilidade, orientações, sugestões e, sobretudo, pela paciência diante das minhas limitações.

Agradeço ao Prof. Doutor Suzano de Aquino Guimarães que, por meio de suas aulas, despertou o meu interesse para os estudos relacionados ao ensino de filosofia e me fez ter a certeza que eu tinha feito a escolha certa: ser professor.

Agradeço ao Prof. Dr. Junot Cornélio Matos por todos os conhecimentos compartilhados nas aulas de estágio e nos eventos dedicados ao ensino de filosofia, assim como, pelo seu empenho em me inserir no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Agradeço a minha irmã, por todo apoio e estímulo dados a mim durante a vida e o curso.

Agradeço ao meu amigo Hélio Pires, por ter me proporcionado o primeiro contato com a filosofia. O que foi fundamental para que eu encontrasse algo que acreditasse e a que quisesse, de fato, me dedicar.

Agradeço aos meus amigos Samarone Lima e Júlio Vila Nova, pelas palavras de incentivo, desde o momento em que decidi prestar vestibular para filosofia.

Agradeço aos meus amigos Jorge Pinheiro e Yves Dowsley (ambos em memória) pelas longas horas de conversa, nas quais me incentivaram a não aceitar a frustração de um trabalho sem sonhos e não descansar enquanto não encontrasse algo que alimentasse meu espírito.

Dedico esse humilde trabalho e todo o meu esforço durante as etapas do curso à minha Avó Estelina e ao meu Tio Adaauto (ambos em memória), que por meio de suas ações me ensinaram o valor de dedicar a vida aos outros, o que foi fundamental para a minha escolha de ser professor.

"Deixe-me dizer, correndo o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor." (Ernesto Guevara)

A AMOROSIDADE NA PRÁTICA EDUCATIVA:

Uma perspectiva freireana para o ensino de filosofia como ato de libertação

Hélder Coelho Barreto

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca da noção de amorosidade na obra de Paulo Freire, analisando os aspectos nos quais esse afeto se manifesta em sua proposta pedagógica. Diante do entendimento de que empatia e afetividade são, para o filósofo, princípios fundamentais para uma prática educacional libertadora, é possível identificar que o amor, na pedagogia freireana, não aparece como um conceito abordado a partir de possíveis definições, mas sim, como um sentimento de solidariedade, que impulsiona uma ação direcionada às camadas populares da sociedade, com as quais se pretende conduzir o processo de sua emancipação. A educação como prática de liberdade surge do amor pelo outro e pela vida, como uma reação à uma realidade opressora e às injustiças sociais que dela decorrem. Acompanhando essa perspectiva, esse estudo se encaminhará no sentido de pensar um ensino de filosofia fundamentado nas bases de uma pedagogia do oprimido, e assim, avaliar os meios pelos quais essa atividade pode se desenvolver como ato de amor e, conseqüentemente, de libertação.

Palavras-chave: Paulo Freire; Amorosidade; Educação libertadora; Ensino de filosofia; Emancipação.

ABSTRACT

This article aims to present a reflection on the notion of lovingness in Paulo Freire's work, analyzing the aspects in which this affection manifests itself in its pedagogical proposal. Given the understanding that empathy and affectivity are, for the philosopher, fundamental principles for a liberating educational practice, it's possible to identify that love, in freirean pedagogy, doesn't appear as a concept approached from possible definitions, but rather as a feeling of solidarity, which drives an action directed to the popular layers of society, with which it's intended to conduct the process of their emancipation. The education as a practice of freedom arises from love for the other and for life, as a reaction to an oppressive reality and the social injustices that result from it. Following this perspective, this study will move towards thinking about the teaching of philosophy based on the foundations of a pedagogy of the oppressed, and thus evaluate the means by which this activity can develop as an act of love and, consequently, of liberation.

Keywords: Lovingness; Liberating education; Philosophy teaching; Emancipation.

1 INTRODUÇÃO

Pensar os afetos na obra de Paulo Freire é algo que transcende a análise teórica de seus textos. Por meio destes, professores(as), não só ampliam conhecimentos necessários para a prática de ensino, como se sentem impelidos em converter aquelas teorias em práxis educativa. Tal influência se dá a partir da própria vida do autor, que não se limitou a de um teórico e pensador da educação, mas foi dedicada às causas que defendeu em seus escritos. Paulo Freire foi teoria e prática. Discurso e ação.

Na medida em que se desenvolve uma análise acerca das ideias centrais apresentadas em sua obra, observa-se que há um ponto de convergência entre elas: uma proposta pedagógica que parte de um empenho pela libertação das classes oprimidas e uma ruptura das estruturas de domínio e exploração impostas pela classe dominante. Nesse sentido, é possível constatar que é do reconhecimento de uma situação de opressão que surge o seu engajamento para propor uma educação como prática de liberdade. O próprio Paulo Freire (2020b. p.110) questiona: *“Que leva os revolucionários a aderirem ao oprimidos , senão a condição desumanizada em que se acham estes?”* Contudo, nota-se que não é só o fato de reconhecer a realidade como opressora que impulsiona o esforço para a mudança de tal cenário, como também, o amor pela humanidade e o apresso pelas formas nas quais a liberdade se manifesta na vida humana.

Nessa perspectiva, pode-se compreender que, para se falar de amorosidade em Paulo Freire, é necessário, sobretudo, falar de amor como um sentimento que se realiza na ação libertadora, na práxis educativa. Assim, o educador tem como função, elaborar um conjunto de práticas, que ofereçam condições para que o processo de ensino e aprendizagem seja marcado por um cenário de liberdade de escolha, exercício da criatividade, desenvolvimento do pensamento autonomo e comunicação por meio do diálogo. Ou seja, é na experiência dialógica que a amorosidade se expressa como afeto na relação entre educador e educando. Freire afirma:

“Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo.

Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação.” (FREIRE, 2020b. P. 110)

Esse amor pela humanidade, manifestado na prática educativa, se revela como uma contraposição à insensibilidade e indiferença, próprias das práticas desumanizadoras das relações de opressão. Na dialogicidade é possível identificar elementos que refletem o compromisso ético do cuidado com o outro e o zelo pelo desenvolvimento de sua autonomia, pois o espaço de abertura para o discurso e exposição de ideias funciona como uma chave para o reconhecimento da capacidade de atuação no meio social e interferência na realidade. O sujeito não só ouve e aceita o que lhe é apresentado como verdade. Mas sim, questiona, contra-argumenta, expõe sua curiosidade e manifesta o seu desejo de conhecer.

Compreendendo o caráter formador do processo de ensino e aprendizagem, entende-se que a experiência de sala de aula poderá refletir diretamente no comportamento dos estudantes, nas suas formas de lidar com as demandas do cotidiano e nas suas relações sociais. Nesse sentido, quando Freire expressa a necessidade da horizontalidade na relação entre professores(as) e alunos(as), ele está se referindo à criação de um ambiente democrático, em que os sujeitos se reconheçam como igualmente capazes de elaborar e expor ideias. Sendo estes, estimulados a não desenvolverem sentimentos de inferioridade, a adotarem uma postura ativa e de não aceitação de condições de submissão. Assim, a educação como prática de liberdade se apresenta como um preparo para o enfrentamento, ante as possíveis tentativas de domínio e exploração.

Ao contrário da educação libertadora, as propostas pedagógicas ditas tradicionais constituem-se como um instrumento de manutenção dos privilégios e defesa dos interesses da classe dominante. Visto que, os seus métodos de ensino consistem no que Paulo Freire vai chamar de “educação bancária”, na qual o professor se apresenta como possuidor dos saberes e detentor do discurso, enquanto o aluno ocupa a condição daquele que não pronuncia o seu mundo e apenas acumula o conhecimento que lhe é transmitido.

Tal modelo de prática educativa colabora com uma não superação das situações de dominação, visto que, por ser pautado na mera apreensão de conteúdos, fomenta uma postura não-crítica, passiva e de aceitação da realidade opressora como algo imutável. Assim, suprimindo a capacidade de interferência e

de ação transformadora por parte dos oprimidos, a educação bancária atua como um estímulo à adaptação e à aceitação das condições impostas pela realidade opressora. Acerca de tal concepção de educação, Paulo Freire afirma:

“Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos.”

E diz mais:

“Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz os interesses dos opressores.” (FREIRE. 2020b, p.83)

A crítica freireana em torno da educação bancária se desenvolve na perspectiva de que esta suprime aquilo que chamou de “vocação ontológica para o ser mais”, que seria a capacidade essencialmente humana de ir além dos condicionamentos socialmente impostos. Nesse sentido, ao impor barreiras ao pensamento livre, ao desenvolvimento da autonomia e ao anular a criticidade necessária   libertação dos homens, a educação bancária se mostra como uma prática efetivada na ausência de amor a estes, visto que se apresenta como uma ferramenta de reprodução de um sistema de opressão e de espoliação da dignidade humana. Assim:

“a educação como prática da dominação,[...], mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico (nem sempre percebido por muitos que a realizam),   indoutrin -los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão.” (FREIRE. 2020b, p.92)

Partindo da compreensão de que a emancipação dos oprimidos s    possível a partir de uma conscientização dos mesmos acerca da realidade opressora na qual estão inseridos, das injustiças sociais das quais são vítimas e, sobretudo, de se entenderem como sujeitos da história, torna-se relevante pensar a importância da experiência filosófica durante o processo educacional. Como terreno fértil para a criticidade, o autoconhecimento e a abertura ao diálogo, as aulas de filosofia, ao serem pensadas a partir de uma perspectiva freireana, podem

ser interpretadas a partir do seu potencial emancipatório. Do mesmo modo, ao analisar o ensino da disciplina, desenvolvido como práxis educativa, é possível identificar a sua capacidade de oferecer instrumentos de reflexão indispensáveis ao exercício da autonomia e sua contribuição com a realização do ideal sonhado por Paulo Freire, que é a libertação das classes oprimidas e a superação das estruturas de opressão.

2 A CONCEPÇÃO FREIREANA DO AMOR

Para refletirmos acerca de como a ideia de amor aparece na obra de Paulo Freire, é necessário pensarmos este afeto como ato que se dá por meio das relações, e que é despertado a partir do que se sente para com o mundo e com os outros. Nesse sentido, o ato de amar é impulsionado por sentimentos de empatia, no momento em que se reconhece no mundo, uma realidade atrevesada por diversas formas de injustiça, e nos outros, uma dicotomia entre opressores e oprimidos. E é em relação a esses últimos, os quais chamou de “esfarrapados do mundo” ou “demitidos da vida”, que o amor se manifesta como ação e empenho pela superação da realidade opressora.

“Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. [...] Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor.”

(FREIRE, 2020b. p.111)

Toda concepção pedagógica freireana é pautada em um ideal de liberdade. Não à toa, fica conhecida dentre as diversas tendências pedagógicas, como educação libertadora. Assim como toda ação, que se apresenta como proposta de transformação da realidade, surge a partir da constatação da necessidade de superar suas problemáticas, a educação como prática de liberdade se apresenta como um projeto de ruptura com as estruturas de exploração da classe trabalhadora e domínio da sua consciência, impostos pelo capitalismo como modelo econômico e como modo de vida. É na sensibilização com a condição de opressão, a qual uma parcela da sociedade está submetida, que o amor se

manifesta como afeto espontâneo e mobilizador da ação libertadora.

A realidade opressora destacada por Paulo Freire pode ser interpretada como manifestação da desigualdade social resultante do capitalismo. Porém, o que o filósofo aponta, não é apenas para a necessidade de superação dessa desigualdade no âmbito das condições materiais de existência. Mas sim, a questão de como a lógica de mercado, incorporada às relações sociais, é absorvida na subjetividade das pessoas, de modo que a classe dominada passa a naturalizar a ideia de sua inferioridade e, conseqüentemente, de superioridade daqueles que pertencem a classe dominante.

“A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores.

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua incapacidade” (FREIRE. 2020b, p.69)

Dessa forma, o capitalismo pode ser compreendido como alicerce das relações de dominação entre os homens, visto não só em seu caráter de sistema econômico, como também, a partir de sua interferência na formação da consciência dos sujeitos, em relação ao mundo e a si mesmos. Eis a necessidade de libertação da condição material de dominado e, sobretudo, de libertação da sua consciência de oprimido, que incorporou a ideologia dominante, na qual aqueles que nada têm, nada são. Como em Paulo Freire, o amor aparece como exercício pleno de liberdade, este também se revela como um afeto contracapitalista, o qual quebra com a lógica desumanizadora de tal sistema e não permite se repreender por esta. Assim, o amor se manifesta como desejo de liberdade, em contraposição às relações de opressão. Acerca dessa questão, o filósofo afirma:

“Toda relação de dominação, de exploração, de opressão já é, em si, violenta. Não importa que se faça através de meios drásticos ou não. É, a um tempo, desamor e óbice do amor. Óbice ao amor, na medida em que o dominador e o dominado, desumanizando-se o primeiro, por excesso, o segundo, por falta de poder, se fazem coisas. E coisas não se amam.” (FREIRE. 2020a, p.69)

A partir dessa compreensão, a ideia de amor presente na obra de Paulo Freire passa a tomar corpo como um ato de solidariedade direcionado aos oprimidos, no empenho pela libertação de suas consciências, que antes, presas aos domínios dos opressores, apenas projetavam pensamentos de impotência, causando sofrimento e os impedido de agir, no sentido de mudar sua atual condição. O impedimento da realização da vocação ontológica para o ser mais, representa a negação daquilo que é atributo fundamentalmente humano e coloca os sujeitos em condições de escravos da própria condição de oprimidos. A realidade opressora, vivenciada e experienciada ao longo da vida, não produz efeito apenas na dimensão objetiva da existência dos indivíduos, mas afeta, sobretudo, o processo de desenvolvimento de suas consciências de mundo. Nesse sentido, em uma vida na qual a liberdade, a autonomia e a dignidade não foram experimentadas, a libertação só pode partir da conscientização da sua condição de oprimido. Esse deve ser o impulso da ação libertadora, a qual só poderá ser protagonizada por aqueles que tiveram sua humanidade roubada.

Porém, para que essa conscientização seja despertada, torna-se de suma importância o empenho daqueles que, por amor a causa da liberdade, solidarizam-se e unem-se aos oprimidos. Para Paulo Freire, eis o principal papel dos educadores e a questão fundamental pela qual a educação deve ser pautada no princípio da amorosidade. A educação, para ser libertadora, só é possível, se promovida em meio a uma relação de afeto entre educador e educando.

Em Paulo Freire, o amor é um compromisso ético para com os outros e, por isso, converte-se em ação libertadora. Suas propostas pedagógicas são sempre impulsionadas por um conjunto de afetos, dos quais o amor parece ser aquele que mobiliza todos os outros, inclusive, a raiva. Esta não aparece como ausência de amor, mas se manifesta em decorrência dele. É por amor aos oprimidos que surge a raiva contra os mecanismos de dominação e exploração impostos pela classe dominante. É por amor aos outros que se adota uma postura de exigência pelo respeito às suas diferenças e se cria a raiva contra qualquer forma de preconceito, discriminação ou ameaça à dignidade humana.

Nesse sentido, a amorosidade, termo derivado da palavra amor, remete a um comportamento, uma prática de luta por justiça social e que tem como propósito a realização de um novo projeto de sociedade. E essa ação transformadora ocorre

por meio da educação. Assim, a prática educativa, também como ato de amor aos educandos, possui a função de oferecer-lhes instrumentos de conscientização acerca da realidade opressora, sempre partindo da noção de que esta pode ser transformada, e que aqueles são, potencialmente, agentes dessa transformação.

“Amar não é um gesto, é um ato e um ato de libertação, que implica a comunhão dos sujeitos que amam e que se amam. Por isto é que não é possível amor entre antagônicos, como também aí está a razão pela qual se impõe a superação da contradição dominadores-dominados para que haja amor verdadeiro.” (FREIRE. 2020, p.342)

Também é o amor pelo ato de educar e o reconhecimento do caráter libertador da educação, que abre espaço para o combate às tendências pedagógicas que pretendem fazer da educação um instrumento de controle e de supressão da liberdade. Em Paulo Freire, o amor é o combustível do poder revolucionário e libertador da educação.

3 A AMOROSIDADE NA PRÁTICA EDUCATIVA

Na pedagogia freireana, o ato de amar precede o ato de educar e permanece neste como o seu princípio fundamental. Os processos de apreensão e construção de conhecimento ocorrem em meio a uma atmosfera coletiva, atravessada por um conjunto de sentimentos que, tanto podem ser de afetividade, cuidado e respeito, quanto de indiferença e antipatia. Em outras palavras, toda experiência que envolve relações pessoais, por maior que seja o rigor técnico de sua realização, está envolvida por um campo de afetos. Ou seja, assim como os laços de afetividade podem tornar a experiência de sala de aula motivadora, uma prática de ensino estritamente técnica, ao contrário, pode torná-la entediante e, inclusive, dificultar a aprendizagem. A afetividade, presente nesse processo, cria uma referência positiva da experiência de sala de aula, seja ela a leitura de um texto, um debate ou uma avaliação em grupo. Aqui, o ato de investigar, de buscar conhecimentos e a disposição ao diálogo sinalizam algo prazeroso. Nesse sentido, a experiência de ensino e aprendizagem não ocorre fora de uma atmosfera emocional, visto que a relação entre educador e educando é, antes de mais nada,

uma relação humana. Diante disso, a necessidade de uma prática docente pautada na amorosidade é constatada a partir do entendimento de que a experiência educacional é essencialmente humana e, por isso, permeada por sentimentos de afetividade. Na pedagogia freireana, é possível observar uma valorização dos elementos de caráter emocional que perpassam a relação educador/educando e produzem resultados no processo de formação.

“ A consciência do mundo, que implica a consciência de mim no mundo, com ele e com os outros, que implica também a nossa capacidade de perceber o mundo, de compreendê-lo, não pode ser reduzida a uma experiência racionalista. É como uma totalidade – razão, sentimentos, emoções, desejos, que meu corpo, consciente do mundo e de mim, capta o mundo a que se intenciona.” (FREIRE. 2019, p.132)

Como já foi dito anteriormente, a amorosidade, enquanto prática afetiva, se manifesta na educação a partir de ações orientadas por um propósito de libertação das consciências, refletido em metodologias pedagógicas que fazem da sala de aula um espaço democrático e fomentador de experiências de liberdade. Essa experiência se torna possível na dialogicidade. É por meio do diálogo que se estabelece um cenário de protagonismo por parte do educando. No momento em que este participa ativamente do debate, tem seu posicionamento respeitado, percebe que sua opinião está sendo levada em consideração, ele experimenta uma situação de condição de igualdade e, ao comparar tal situação com as experiências vivenciadas na vida cotidiana, em meio a uma realidade opressora, intuitivamente, percebe a sua condição de oprimido e reconhece a figura do opressor. De acordo com o próprio Paulo Freire:

“somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor.” (2020b, p.72)

Essa vivência no processo educacional, experimentada na relação de ensino e aprendizagem, possui o potencial de viabilizar condições para a

conscientização necessária à mobilização da ação libertadora.

A proposta de educação libertadora desenvolvida por Paulo Freire tinha como público alvo a classe trabalhadora, dominada, sobre a qual cai o peso das injustiças sociais impostas por um sistema de opressão. Em sua visão, a esperança e a capacidade de sonhar funcionam como uma espécie de energia vital da humanidade, sendo ainda mais necessárias a existência daqueles que precisam enxergar no futuro, a possibilidade de dias melhores. Para esses grupos, a aceitação da ideia fatalista, que diz que “a vida é assim, e nada pode ser feito para mudá-la”, representa o sentimento de impotência e os impõe um conformismo que tolhe sua fé em um amanhã de prosperidade. É a partir dessa compreensão que se torna possível reconhecer que uma educação voltada para o despertar da criticidade é, em sua essência, um ato de amorosidade. Visto que é o olhar crítico para a realidade que desperta nos sujeitos a compreensão de que ela pode ser mudada, que ainda é possível sonhar e necessário manter a esperança.

Enquanto o capitalismo, para sua manutenção, necessita de uma sociedade uniformizada e, para isso, atua por meio de mecanismos de massificação das consciências e, conseqüentemente, de desumanização, próprios de um sistema de opressão, uma pedagogia comprometida com a transformação social, que se revela através de atos de amor à vida, à humanidade e ao mundo, atua pela construção de uma sociedade constituída por sujeitos críticos, criativos, de pensamento livre, artífices de sua própria história e dispostos combater as injustiças. Para que essa pedagogia possa ser praticada, é necessário que o profissional docente tenha em mente a noção de que um cenário de afetividade e de equidade no tratamento irá exercer profunda influência no processo de formação humana dos educandos, assim como em seu comportamento diante das demandas da vida cotidiana e das relações sociais. Estes, tendo como referência uma experiência de educação libertadora, na qual todos têm a sua dignidade respeitada, criam um obstáculo para uma possível aceitação de comportamentos e atitudes ultrajantes, assim também, evitando a incorporação de tais posturas.

É necessário reconhecer a educação escolar, não só como etapa de desenvolvimento cognitivo e intelectual, mas, sobretudo, como etapa de construção de saberes indispensáveis à vida social e emocional. As vivências de experiências de liberdade tornam possível identificar os momentos em que os sujeitos se encontram diante de um ambiente hostil, de uma relação de violência, assédio

moral e outras manifestações de opressão. Para aqueles que, nas suas relações com a sociedade, sempre foram oprimidos e introjetaram essa consciência, a experiência dialógica é um momento de descoberta da liberdade. Como respeito à dignidade do outro e pela compreensão da necessidade de comunicação para a sua realização enquanto ser humano que, em Paulo Freire, a dialogicidade é apresentada a partir de uma perspectiva de amorosidade e como princípio fundamental de uma educação libertadora.

Como já foi apontado anteriormente, na concepção freireana, o amor se revela como afeto espontâneo, que se efetiva na adesão à causa dos oprimidos e na luta pela liberdade destes. Na prática educativa, essa ação libertadora se desenvolve, principalmente, por meio do diálogo, o qual se revela, não apenas como método de ensino, mas, sobretudo, como método de conscientização. Paulo Freire defende a ideia de que a liberdade não é uma condição que pode ser ofertada de uns para outros. Como ele mesmo diria:

“a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.(2020b, p.93)

A horizontalidade na relação entre educador e educando - presente não só no tratamento do primeiro para com o segundo, como também, na ideia de que o ensino e a aprendizagem se dão por meio de uma relação de troca de saberes – aparece como um comportamento contrário às relações de dominação e característica principal de abertura para o diálogo. Esse se realiza em um espaço de convivência que rompe com a imposição do silêncio, que oferece oportunidades de escolha, de criação, de escuta, tolerância, respeito às diferenças, de acolhimento e de pronúncia da palavra que expressa cada compreensão de mundo. Com isso, o diálogo só é possível, se existe amor entre aqueles que estão envolvidos na experiência.

Na realidade opressora, apenas os dominantes, assumindo uma posição de superioridade, têm o poder da palavra. Sendo a palavra um atributo de diferenciação entre os homens e ou outros animais, no momento em que ela é

negada, também está se negando a possibilidade de realização de humanidade. Na educação libertadora, a proposta dialógica não é, simplesmente, uma técnica de ensino, mas sim, um instrumento de reparação, utilizado pelos próprios oprimidos, para tomar de volta a humanidade que lhes foi roubada pelos opressores e também, uma chave de abertura para o reconhecimento da possibilidade de, como ser humano, interferir no mundo com objetivo de modificá-lo em defesa de seus interesses.

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra dos demais.” (FREIRE. 2020b, p.108/109)

A dialogicidade, exposta na pedagogia freireana, se revela como o elemento principal, no que diz respeito à presença da amorosidade na prática educativa, enquanto ação para a libertação. Nela, os indivíduos expõem suas perspectivas, desenvolvem a capacidade de fala e de escuta, mudam suas opiniões, provocam a mudança no cenário do debate, experimentam a própria liberdade e, com isso, reconhecem a potencialidade de atuar como sujeitos da história e possíveis agentes de transformação da própria realidade.

4 O ENSINO DE FILOSOFIA COMO PRÁTICA DE LIBERTAÇÃO

Muito já se fala sobre métodos de ensino de filosofia e suas possíveis técnicas de realização. Seja no que diz respeito às formas de abordagem ou ao desenvolvimento de instrumentos didáticos facilitadores do processo de aprendizagem, as discussões acerca desse assunto costumam estar pautadas no sentido de êxito na aprendizagem dos conteúdos da filosofia, enquanto disciplina.

Quando se pensa o ensino de filosofia a partir da proposta freireana de educação como ação para a libertação, passa-se a enxergar o potencial emancipatório de tal atividade, quando pautada em princípios de promoção da liberdade, da autonomia e do pensamento crítico em relação à realidade. Porém,

para que tal potencialidade seja aplicada efetivamente, torna-se necessário que o(a) professor(a), movido(a) por princípios de afetividade, assuma um compromisso ético para com os educandos e se reconheça, não só como professor(a) de filosofia, mas, sobretudo, como educador(a). Assim, assumindo a responsabilidade de atuar, não só no processo de ensino e aprendizagem, como principalmente, no processo de formação humana dos sujeitos.

Ao refletirmos acerca do ensino de filosofia por uma perspectiva de práxis educativa, torna-se fundamental não limitarmos a discussão às questões ligadas à metodologia. Porém, não restringir a discussão a um enfoque, não significa que não seja necessário abordá-lo. Afinal de contas, não se pode pensar a prática de ensino, sem reconhecer que esse trabalho necessita ser desenvolvido a partir de referencial metodológico. Quando se pretende desenvolver um ensino de filosofia como ação para a libertação, duas práticas ligadas à metodologia tornam-se indispensáveis: a contextualização dos conteúdos e a abordagem problematizadora.

Na medida em que a educação como prática de liberdade tem como método a conscientização e o educando como sujeito do processo, o ensino de filosofia pautado nesse ideal, deve desenrolar-se a partir de uma proposta dialógica e ter a realidade desses estudantes como fonte dos temas a serem abordados nas discussões. O conteúdo apresentado em sala de aula, quando carente de significado, também torna-se alienante e funciona como estímulo à adoção de uma postura alheia à realidade. Não aguça a curiosidade e limita a experiência de aprendizagem aos atos de ouvir, ver, apreender, sem necessariamente compreender o que está sendo dito. Eis a necessidade da contextualização dos conteúdos no ensino de filosofia, quando se pretende que tal prática seja fonte de emancipação, e não de alienação.

Em seu método de alfabetização, Paulo Freire tinha como técnica de facilitação da aprendizagem, o uso das palavras geradoras. Essa técnica de ensino baseava-se na ideia de que, se tratando de uma palavra frequentemente utilizada no cotidiano dos educandos, a leitura destas já se desenvolvia com uma carga de significados. Nesse sentido, na medida em que se desenvolvia a leitura da palavra, também se ampliava a leitura do mundo no qual os estudantes estavam inseridos. O que, inicialmente, era um método de alfabetização, torna-se um método de conscientização. Seguindo essa mesma lógica, um ensino de filosofia que

relaciona os seus conteúdos com as questões que atravessam a realidade objetiva dos estudantes, permite que a filosofia seja, não apenas um conjunto de conteúdos a serem apreendidos por estes, mas, sobretudo, uma ferramenta para o desenvolvimento da criticidade que, por sua vez, é instrumento fundamental para o êxito do processo de libertação.

Quando não há contextualização, a educação se torna conteudista e atua como instrumento de perpetuação da realidade opressora. Nesse sentido, ela é também prática de dominação e ferramenta de desumanização, visto que suprime a criticidade e a capacidade de ação transformadora. Essa educação passa a ter como resultado a massificação das consciências e a uniformização de ideias, suprimindo o questionamento e estimulando a acomodação. Sendo assim, desumanizadora, na medida em que anula a disposição natural do ser humano, que é o seu potencial de superação dos condicionantes impostos pela realidade. Nesta educação, carentes de uma experiência libertadora, os educandos reconhecem o mundo como algo dado, não se identificam como sujeitos capazes de mudar a história e aceitam o fatalismo, que diz que as coisas são assim e não podem ser mudadas.

“A afirmação ideológica segundo a qual “as coisas são assim porque não podem ser de outra maneira” é, no fundo, um dos muitos instrumentos de luta dos dominantes, com que tentam inibir ou abortar na raiz, a resistência necessária dos dominados. Quanto mais anestesiados historicamente, quanto mais fatalistamente imersos na realidade impossível de ser tocada, imagine-se transformada, tanto menos futuro temos. A esperança assim, se pulveriza na imobilidade de um presente esmagador, uma espécie de ponto final, mais além do qual nada é possível.” (FREIRE. 2019, p. 143)

No que diz respeito às possíveis abordagens para o ensino de filosofia, aquela que melhor dialoga com a proposta de educação para a libertação é a problemática, que em termos freireanos, poderíamos chamar de problematizadora. Na medida em que a educação bancária freia a capacidade crítica dos educandos e os acomoda à realidade, a educação problematizadora desperta a conscientização, os inquieta e, conseqüentemente, os impulsiona à ação. Esta problematização se desenvolve a partir da relação entre o conteúdo abordado e as questões contemporâneas que fazem parte da realidade dos educandos.

Estabelecendo essas conexões, a aprendizagem dos conteúdos da filosofia não corre o risco de se tornar mera memorização de ideias desconectadas da realidade e se torna instrumento de reflexão e estímulo ao questionamento. Nesse sentido, a problematização dos conteúdos da filosofia se converte em atitude filosófica por parte dos educandos, na medida em que, inseridos em um processo dialógico em torno de um objeto de investigação, desenvolvem um olhar crítico ante os problemas que atravessam suas vidas, começam a identificar os mecanismos de opressão, aos quais estão submetidos e, naturalmente, tendem a buscar maneiras de superação da realidade opressora. Sobre tal abordagem na prática de ensino, Paulo Freire enfatiza:

“Para a educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação. Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo.” (FREIRE. 2020b, p.105)

A contextualização dos conteúdos e a abordagem problematizadora não estão limitadas ao campo da metodologia de ensino, mas, enquanto instrumentos facilitadores da reflexão filosófica, exercem contribuições essenciais no processo de formação dos educandos, no sentido do desenvolvimento do senso crítico e da adoção de uma postura questionadora, que são atributos fundamentais para o entendimento do mundo como algo passível de intervenção e mudança.

Falar dos possíveis resultados dos métodos de ensino de filosofia, quando pensados a partir de um objetivo que se pretende atingir, a saber, uma aprendizagem significativa, que se transforma em criticidade, conscientização e ação para a libertação, não significa ignorar os obstáculos impostos pela realidade objetiva, mas sim, manter viva a fé nos homens e a esperança de fazer do mundo um lugar de todos, no caminho da superação das dicotomias “dominadores e dominados”, “opressores e oprimidos”. A educação é o maior instrumento de luta por essa superação. Ensinar filosofia também é educar. E como diria Paulo Freire (2020a, p.127), “educação é um ato de amor”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *À Sombra Dessa Mangueira*. 12ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2019;

_____. *Educação Como Prática de Liberdade*. 46ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020a;

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 73ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

_____. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020c.